



*Por uma cultura de paz*

## **134. RedeUnaViva: Meditação Cristã 134 – paragem 314 – 09.04.2017**

**JOÃO 7:45-53 e 8:1**

### **O SINÉDRIO FALHA**

**Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que Jesus não foi preso durante a Festa dos Tabernáculos?
2. Como entender a ponderação de Nicodemos contra seus pares?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. O que preciso para meditar no monte das Oliveiras?

#### **134.1 Introdução: O Desfecho da Festa.**

Conforme anunciada na introdução da última MC, damos conta agora da sétima e última parte do capítulo 7 de João. Aquela que conclui a peculiar participação de Jesus na Festa dos Tabernáculos. Retira-se e sobe ao monte das Oliveiras para meditar, enquanto os principais sacerdotes amargam o gosto da frustração pelo insucesso da sua maligna iniciativa, a de encarcerar o Mestre da vida.

Terão que se defrontar com dois arrazoados. Um vindo da parte dos seus prepostos, e outro, de um dos seus membros. Nosso já conhecido, Nicodemos. O doutor da lei que numa das páscoas, em surdina, buscou Jesus, a fim de se inteirar da sua doutrina. Quis ver de perto aquele que o impressionara pela ousadia de expulsar do Templo os mercadores incautos. Recomendou, então, aos pares que assumissem expediente similar – o de investigação. Que escutassem o suposto opositor, como ele próprio o fizera. Ainda mais que coadunava com a lei, que os sacerdotes acabavam de citar.

A segunda oposição que os sacerdotes do engano têm de enfrentar é a dos próprios subordinados, explicando porque não cumpriram o mandado dos chefes.



### *Por uma cultura de paz*

A conversa termina com a dispersão, como precisamos fazer ao final de tantas reuniões – tomar o caminho de volta para casa ou para si. Para casa, foram os representantes de Deus, ou melhor, os que deveriam ser. E aquele que não tinha um travesseiro para repousar sua cabeça na hora do descanso, buscou o aconchego da natureza pródiga e acolhedora para, a sós, falar com Deus. Ali nas Oliveiras, num casamento perfeito entre Espírito e Natureza, a bem-aventurança se fez plena.

#### **134.2 Evangelho-parte 1: O sinédrio não tem Jesus preso. (Jo)**

<b>João 7:45-49</b>
45. Voltaram, então, os empregados aos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: "Por que não o trouxestes"?
46. Responderam os empregados: "Nunca homem algum falou como fala esse homem".
47. Retrucaram-lhes os fariseus: "Acaso também fostes enganados?"
48. Porventura creu nele alguma das autoridades, ou algum dos fariseus?
49. Mas este povo, que não conhece a lei, é amaldiçoado".

1. Voltaram os empregados do sinédrio até os principais sacerdotes e fariseus que, reunidos, lhes perguntaram: “por que não o trouxestes preso”?
2. Justificaram-se: “nunca homem algum falou como fala esse homem”.
3. Retrucaram-lhes os poderosos: “acaso fostes também enganados por ele?”
4. Ou alguma autoridade presente, um fariseu, creu nele e recomendou o contrário”?
5. Ou foi por pressão deste povo que não conhece a lei e, por isto mesmo, é amaldiçoado”?

#### **134.3 Evangelho-parte 2: Nicodemos pondera e é ridicularizado. (Jo)**

<b>João 7:50-52</b>
50. Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes
51. "Porventura julga nossa lei um homem sem primeiro ouvi-lo e dele saber o que faz"?
52. Eles lhe responderam e disseram: "Acaso tu também és da Galileia? Pesquisa, e vê que da Galileia não se levanta profeta".

6. Um dos doutores da lei presente, Nicodemos, que já tivera uma entrevista com Jesus, pergunta-lhes:
7. “Não deve a nossa lei interrogar o suspeito e ouvir dele seu testemunho, antes de julgá-lo”?
8. Eles tergiversam: “acaso és tu também da Galileia”? Pesquisa e constatarás que da Galileia não se levanta profeta”.



*Por uma cultura de paz*

#### 134.4 Evangelho-parte 3: Jesus medita. (Jo)

João 7:53 e 8:1
53. E cada um foi para sua casa.
8:1 Mas Jesus foi para o monte das Oliveiras.

9. Dispersa o sinédrio, cada um indo para sua casa. 10. Jesus já se retirara para meditar no monte das Oliveiras.

#### 134.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. Por que Jesus não foi preso durante a Festa dos Tabernáculos?

Não foi preso porque sua hora não havia chegado. Não havia chegado porque a programação da equipe espiritual que presidia o ministério do Cristo, dirigida pelo próprio e com apoio direto e subsequente de Moisés e Elias/João Batista, previa movimentos de pregação do Reino nas terras da Judeia até a próxima páscoa. Mais um semestre de plantio das sementes divinas em solo palestino. O início foi marcado pelo ministério da periferia, na Galileia, em sintonia com a mensagem de humildade do sublime nazareno. Somente no final, a mensagem chegaria ao centro religioso da Tradição, Jerusalém. Ali, ela seria reprovada pelas autoridades. Mas não importa, esta reprovação funcionaria como adubo na seara da Boa Nova.

O desfecho do ministério haveria de coincidir com a páscoa, já que a ressurreição demarcaria uma nova páscoa. Como irmãs, conviveriam as duas separadas pela proximidade de um dia, na correia dos séculos – a páscoa judaica e a cristã. A primeira, no sábado, a segunda, no domingo, demarcando a cronologia da revelação de Deus. Na abertura, vieram a Lei e os Profetas; no meio, o Messias, com o código de amor. No final, viria o Consolador, prenunciando a religião universal.

Não foi preso porque sua fala produziu paralisia inexplicável nos funcionários do sinédrio, escalados para efetivar o encarceramento. Não foi preso porque seu olhar e gestos contagiaram o povo que o acercou com um sentimento de admiração e perplexidade. Qualquer iniciativa contra aquele profeta, naquela hora, receberia o achaque e a repulsa da multidão que ao seu redor o protegia.

Diante de tais circunstâncias só mesmo lhes cabia retornar aos superiores de mãos vazias. Sem presa e ainda deixando vazar, em movimento de espontaneidade, o vivido: “fomos testemunhas de feito raro. Nunca homem algum falou como fala esse homem”. “Como fala ele”? poderiam ter-lhes perguntado os sacerdotes. “Com propriedade, pois associa conhecimento da Escritura com lógica precisa. Se o tivessem escutado – proporião os funcionários –, poderiam agora estar se questionando sobre a



*Por uma cultura de paz*

pertinência deste mandado de prisão, sobre a justiça de tal deliberação. Ele fala com nenhum outro falou, porque seu discurso, interpondo conteúdo cativante com pausas serenas, alcança nosso coração como música envolvente. Deixa-nos querendo mais. Há na sua presença um magnetismo diferente e poderoso – nos atrai enquanto fala e nos despede quando termina”.

Se assim retrucassem os comandados, mais razão teriam os sacerdotes para admitir encantamento fascinante. Teriam sido ludibriados eles e o povo. Era a conclusão que, a contragosto, admitiam. Pior seria, precisavam saber, se outros fariseus, também haviam sido convencidos pela argumentação do forjador.

## **2. Como entender a ponderação de Nicodemos contra seus pares?**

Não precisaram ir longe os sacerdotes em busca do contraditório nos seus pares. Ali mesmo, à sua frente, estava Nicodemos. Nem mesmo precisou explicitar simpatia pelo galileu que o povo aclamara, para ser enquadrado como opositor. Bastou assumir ponderação própria da Torá para situações de julgamento. Argumenta algo, mas é rebatido naquilo que não falou. Não o tinham entendido? Ele pergunta: “se nós, o sinédrio, estamos acusando uma pessoa, não consta na nossa lei, que como parte do processo, esta pessoa deve ser ouvida antes de ser condenada? Se não estivessem movidos por casuísmo, entrariam no mérito do questionamento. Responderiam: “sim, mas nós vamos prendê-lo para interrogar”. Teriam ouvido: “mas para interroga-lo não é preciso prendê-lo”. Então, mudariam o procedimento ou justificariam porque a interrogação estaria sendo precedida pela prisão. Enfim, entrariam no mérito da questão levantada. Mas não. Preferiram desviar. Partiram para o ataque. Não o acusaram, como o texto parece indicar, de ser originário da Galileia – “acaso tu também és da Galileia”? –, mas de ser um partidário da ideia de que da Galileia poderia vir o Messias.

Neste ataque, cometem um erro histórico. É certo de que da Galileia não vieram muitos profetas, mas Jonas procedeu daquelas terras. Então, da Galileia se levanta ou já se levantou profeta, sim.

Provavelmente em minoria, o doutor da lei, simpático aos ensinamentos do Cristo, se cala. E os principais religiosos, diante do insucesso da empreitada, decidem terminar a reunião. Fazia-se necessária uma pausa até que nova estratégia fosse delineada. Cada um se dirige para sua casa. E o melhor lar para Jesus é um recanto silencioso da natureza para estreitar contato com o plano espiritual superior.



*Por uma cultura de paz*

134.6 **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

### **3. O que preciso para meditar no monte das Oliveiras?**

Depois de visitar o centro religioso, Jerusalém, e adentrar seu coração, o Templo, precisaste te retirar, Senhor, para, no silêncio do monte, falar com Deus. É que nem sempre os que deviam zelar para que a Casa de Deus fosse lugar convidativo ao recolhimento e à oração, realizam a contento sua tarefa missionária. Ali, encontraste perseguição, e precisaste tu ser o verbo inspirador para que a Casa se enchesse de encanto e regozijo.

Tu nos ensinaste que aonde quer que houvesse um pequeno sofrendo ali tu estarias. Ou aonde alguém se consagrasse a divinizar sua mente aí também estarias.

Por isso, carente e ávido da tua companhia, preciso estar com os pequenos; com os que sofrem e com os que fazem sofrer, que são necessitados de alguma sorte. Uns, para ampará-los e os outros, para orar por eles.

Sei que também preciso aprender a não me depender da religião instituída para encontrar o oratório interior de acalanto e paz. Mormente, nas horas de angústia, quando tanto faltam o pastor como o amigo, para servirem de arrimo e alavanca.

Quero te acompanhar na subida solitária ao jardim das Oliveiras, para lá contigo sentar em meditação. Mas não basta a subida feita pelos pés a favor do corpo. Torna-se premente a ascensão em espírito, dirigida pela fé e pelo serviço.

Para tal, necessito calar os reclamos oriundos das adversidades que o trabalho me impõe, as irritações nascidas pelo entrelaço de opiniões, e os ressentimentos decorrentes das decepções que o próximo, por força das suas limitações, me causa. Se não sei relevar ou transformar, vêm à tona todas estas pendências, na hora que me é reservada para silêncio e oração.

Neste instante sagrado, preciso anular todas as tendências do homem velho, seus hábitos, valores e sentimentos aqueles que interferem na qualidade do solilóquio e me seguram na esfera dos comezinhos ordinários.

Quero me entregar de corpo e alma nas Oliveiras da comunhão. Entrar devagarinho nesta benfazeja dimensão. À sombra de suas largas e refrescantes árvores, extingo minha sede, relaxo minha alma e fruo para a paz da bem-aventurança.

Forte e sereno, depois desta nutrição imanente, voltar para distribuir tais bênçãos com aqueles com quem compartilho o pão de cada dia, é tarefa simples, mas abençoada.



*Por uma cultura de paz*

134.7 **Versículo(s) para a meditação:** João 7:46.

46. Responderam os empregados: "Nunca homem algum falou como fala esse homem".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 135 – paragem 321 – 16.04.17  
MATEUS 11:20-24; LUCAS 10:1-16.